



No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia

Etienne Samain

“Se existe uma estreita relação entre a fotografia e a etnografia (estudo do homem pelo homem), é porque supostamente o corpo é considerado capaz de desvendar algo, e até na sua nudez; ele é o último recurso mas também o último obstáculo, o ponto de ruptura sempre possível na procura do conhecimento, a barreira onde geralmente o olhar pára. O olho fotográfico teria talvez como propriedade a de rasgar esta tela” (Michel Frizot, *Nouvelle histoire de la photographie*, p. 271).

“É triste ter buracos na sua memória. Tão triste quanto o fato de não poder tampar os buracos de sua cultura” (Alain Ferry, *La mer des mamelles*, p. 35).

Magritte tem toda a razão: “Isso não é um artigo.” No melhor dos casos, talvez um ensaio ou, melhor ainda, uma meditação e um esforço de problematização em torno de algumas questões que dizem respeito à antropologia visual (fotográfica) e que me interessam. Essas perguntas, as enunciarei, não lhes darei respostas. Já que se trata de um projeto de pesquisa,¹ terei, num primeiro tempo, que circunscrever e delinear, no duplo registro do existencial e do intelectual, os horizontes desses questionamentos, para, somente depois, mostrar dois direcionamentos e alguns outros desdobramentos desta pesquisa. Enfim, na medida em que não posso conceber tal futuro

trabalho sem a parceria potencial de outros pesquisadores, acrescentarei uma longa bibliografia selecionada, à qual pretendo recorrer, buscando algumas luzes, descobrindo, espero, algumas respostas.

Componentes de uma problemática

Não existe, penso, projeto de pesquisa que não seja, de uma maneira ou de outra, o reflexo de situações e de condicionamentos existenciais que o pesquisador viveu e continua vivendo. Vivências que, na maioria dos casos, interpelaram-no em momentos dados, em níveis determinados de sua existência sem que lhe fosse possível – geralmente – entendê-las mais adequadamente. Vivências todavia que, ao mesmo tempo, se acumularam e se sobrepuseram nele como camadas sedimentares, constituindo lentamente um terreno mais fértil. Mesmo que não entenda sempre as leis, as propriedades e todos os mecanismos, ele sabe que o terreno se tornou, na sua riqueza múltipla, mais firme sob os seus pés. Mais humilde e menos falador, ele procura então não mais questionar as coisas deste mundo a partir de suas idéias e sim deixar as coisas do mundo trabalharem sobre suas idéias.

¹ A ser desenvolvido com o apoio do CNPq.

Tive três grandes chances na minha vida intelectual e humana. A primeira foi o fato de poder conhecer culturas muito diferentes (culturas européias, culturas sul-americanas e, nelas, culturas indígenas). A segunda, de ter descoberto que a comunicação humana é central em cada uma delas, embora possa ser efetivamente muito diversificada. A terceira chance foi a de ter-me formado sucessivamente no ofício de exegeta, de antropólogo, procurando circunscrever, hoje e a partir dessas ferramentas, alguns novos instrumentos metodológicos e próteses heurísticas capazes de entender melhor tanto as modalidades da comunicação visual moderna como as sociedades que delas vivem e que, em torno delas, se organizam.

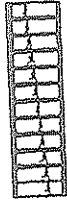
² Em particular, Jack Goody, *Domesticação do pensamento selvagem*, Lisboa, Presença, 1988 (or. inglês: 1977) e o recém-publicado Jack Goody, *L'homme, l'écriture et la mort. Entretiens avec Pierre-Emmanuel Dauzat*, Paris, Les Belles Lettres, 1996. Sobre o assunto, ver, também, Etienne Samain, "Oralidade, escrita, visualidade. Meios e modos de construção dos indivíduos e das sociedades humanas", in *Perturbador Mundo Novo. História, psicanálise e sociedade contemporânea. 1492-1900-1992* (Coordenação Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho), São Paulo, Escuta, 1994, p. 289-301.

Por necessidade, a minha pesquisa permanecerá, desta maneira, híbrida ou, melhor dizendo, composta. Situar-se-á sempre no horizonte e na encruzilhada das ciências humanas (da antropologia, em particular) e das ciências da comunicação (da visualidade, em especial). De tal modo que se eu procurar definir lapidariamente o que tal encontro vem a significar para mim, hoje, em termos de questionamentos, ofereceria estas simples aberturas:

1. As sociedades humanas não existiriam sem a mediação fundamental de nossos canais sensoriais *naturais*, da mesma maneira que não existiriam ciências humanas possíveis sem esses meios. Explico. O mundo, os seres que nele vivem, nada mais, nada menos, são a não ser realidades e fatos, sempre *postos ante, em torno ou atrás de nós*. Dados *externos* que, no entanto, podemos ver, tocar, ouvir, sentir,

cheirar. Toda primeira lição de antropologia deveria assim tratar do arrepio e do espanto de uma criança quando nasce e, progressivamente, descobre o mundo. Acontece que a complexa e fundamental rede neuronal e comunicacional, organizada a partir de nossos cinco sentidos, é um assunto tão óbvio (tão desconhecido, também) que não comove mais os adultos, nem mesmo os antropólogos que, sem ela, todavia, não teriam mais nada que fazer. Seriam desempregados *in vitro*.

2. Dispomos de vários instrumentos *culturais* de comunicação (oralidade, escrita, visualidades modernas). Esses meios não definem apenas modos diferenciados de *apreensão* do mundo mas, sobretudo, proporcionam "estilos cognitivos" e modos singulares de *compreensão* e de *interpretação* deste mundo. Determinam, enfim, maneiras distintas de se *organizar* em sociedade. Sobre este assunto, Jack Goody² me convenceu, faz muito tempo, tanto que, para tornar essas proposições mais claras, reformulo-as de uma maneira um tanto lapidar. Não é da mesma maneira que se "pensa" o mundo, que se "organiza" uma sociedade, que se "efetiva" a compreensão das coisas humanas, quando se dispõe da fala pura e simples ou da escrita, ou dos modernos multimeios. Em outras palavras, as operações lógicas (organizar, listar, classificar, selecionar, simplificar, abstrair, analisar, sintetizar, completar, reajustar, resolver dificuldades, combinar, memorizar...) embutidas e suscitadas através de cada um desses meios da comunicação não somente variam: elas são singulares. São essas especificidades, essas potencialidades heurísticas diversas que me interessam, mesmo que elas possam, evidentemente, se cruzar



de um meio de comunicação para outro, o que vem ampliar, aliás, a complexidade de uma problemática já complexa. O problema é de peso e podemos medi-lo melhor pensando que nossas culturas do livro e da escrita caminham, irreversivelmente, em direção a outras: às da informática que, além de se estruturarem de maneira binária, possibilitarão, ao nível do mesmo intelecto humano, outras operações lógicas, outros modos de cognição, outros códigos de memorização, outras maneiras de se organizar socioculturalmente neste único planeta. As "técnicas da inteligência" (Jack Goody), as "tecnologias da inteligência" (Pierre Lévy), a "indústria do conhecimento", essas genéticas artificiais e virtuais do saber humano deveriam preocupar os antropólogos tanto quanto a possível presença de água sobre Marte e a experiência de clonagem – que deu luz a uma outra ovelha, chamada Dolly – preocupam o Vaticano e o Papa.

3. Focalizando mais diretamente a esfera das imagens e dos suportes imagéticos, é bom lembrar que a *natureza* das imagens, enquanto *objetos* (imagem fotográfica ou filmica, televisiva ou informática, com todas as hibridizações possíveis), varia – e muito – de um meio de comunicação para outro, de tal maneira que se torna imprescindível saber com que tipo de imagens pretendemos lidar e para que fins. Deve-se insistir, também, sobre o fato de que, atrás e dentro das matrizes imagéticas – fotográfica, cinematográfica, videográfica, informática – escondem-se *modos de ver, lógicas e até posturas filosóficas*, que temos ainda que descobrir e pôr à luz.³

4. "A imagem é sem igual no que diz respeito à sua capacidade de despertar; sua utilização para fins expressivos é problemática e reduzida a si mesma, a possibilidade de igualar a função enunciativa da linguagem lhe falta radicalmente." Ao reconhecer isto com Ernst Gombrich,⁴ haverá de se perguntar se as imagens, neste século no qual entramos, não serão precisamente as matrizes gerativas de uma outra maneira de "pensar" novos e velhos campos da antropologia social, um suporte particularmente eficaz para entender em novas direções o imaginário humano, individual e coletivo, e reinstalar nas ciências humanas a primazia do sujeito.⁵

5. Participamos de uma revolução da visão e da emergência de um novo modelo de observador,⁶ se é verdade que a visão não é apenas a materialização de um dos órgãos sensoriais, mas, antes de mais nada, uma construção histórica e cultural, como foi, no seu tempo, o advento da escrita.

Dois direcionamentos...

1- Entendida no sentido amplo da expressão, a *antropologia visual fotográfica* tem uma longa história. Uma história singular na medida em que tanto a fotografia como a antropologia nascem juntas e seguem, durante meio século, trajetórias paralelas. A partir das primeiras décadas do século XX, todavia, afastam-se progressivamente e migram para territórios cada vez mais distintos. Ruptura aparente. Entendem, hoje, através de suas próprias incertezas, limites e potencialidades, que o divórcio seria bem inútil. Descubrem

³ Esbocei uma primeira reflexão sobre esses assuntos em "Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais", in *Anais do Seminário Pedagogia da Imagem. Imagem na Pedagogia*, Niterói (Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação), 1996, p. 7-17.

⁴ Ernst Gombrich, *L'écologie des images*, Paris, Flammarion, 1983, p. 323-349.

⁵ Penso evidentemente no grande livro (antropológico) de Roland Barthes: *A câmara clara. Nota sobre a fotografia*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª ed., 1984 (or. francês: 1980). Remeto ao meu estudo recente: "Um retorno à *Câmara clara*: Roland Barthes e a antropologia visual", a ser publicado (junho de 1998) em *O fotográfico*, Etienne Sarmain (org.), numa co-edição Hucitec-CNPq-Senac. (Junho 1998).

⁶ John Crary, *Techniques of the observer. On vision and modernity in the Nineteenth Century*, Cambridge (Massachusetts): MIT Press, 1990.

que cada uma dispõe de um poder *sui generis* de *representação* do real, heurísticamente *complementar*.

Antropologia e fotografia se situam, desta maneira, numa nova encruzilhada e no âmbito de um debate que questiona essencialmente as relações entre *dois meios representacionais e dois estilos de observação, de compreensão e de interpretação do mundo*: a escrita e a imagem (fotográfica, no caso). Tal questionamento que, logo a seguir, desenvolverei mais detalhadamente, deverá se constituir em um primeiro objetivo desta proposta de pesquisa.

2- Sob pena, todavia, de reduzir este propósito a uma espécie de mero balanço comparativo das intenções, das pretensões, das ilusões e, às vezes, das obsessões que tanto a “ciência” antropológica como este inquietante “suporte comunicacional” representado pela fotografia souberam alimentar nas suas convicções mútuas de poder compreender os homens e as sociedades, pareceu-me mais construtivo apresentar e avaliar duas propostas metodológicas de *uso conjunto da escrita e da imagem fotográfica*, aplicadas a campos específicos da pesquisa antropológica: de um lado o famoso *Balinese character. A photographic analysis* (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead, dedicado à procura das expressões do *ethos* na sociedade balinense; de outro, a proposta paralela recente de Albert Piette (1992 e 1996), centrada sobre a *observação do detalhe* e procurando, na linha de Erving Goffman (1974 e 1976), o *modo menor* da realidade através do registro fotográfico e

de seu comentário descritivo. Voltar-me-ei, também, sobre este segundo objetivo da pesquisa.

... *E alguns desdobramentos*

(Primeiro objetivo)

Quando Margaret Mead, em 1973, numa famosa intervenção no IX Congresso do ICAES (Chicago), publicada, logo depois, sob o título provocador de “Visual anthropology in a discipline of words”,⁷ denunciava o esmagador *parti-pris* verbal da antropologia e a fixação devota, para não dizer fetichista, que esta consagrava às virtudes interpretativas da escrita, poucos se deram conta de que, sem querer ressuscitar a querela dos antigos e dos modernos, Mead pressentia e intuía que chegava o momento em que não bastaria “falar e discursar” em torno do homem, apenas “descrevendo-o” nas suas singularidades locais. Na medida em que a gente avançava “em direção a um sistema de comunicação planetária”,⁸ não se podia evitar mais, no futuro, “a difusão de conhecimentos básicos, dos quais um grande número faria parte do saber dos membros de todas as sociedades”, e que se dariam através de outros suportes comunicacionais. Será que Margaret Mead podia imaginá-los plenamente? Provavelmente, não. Resta que, seguramente, aprovaria, 25 anos depois, o título que, em sua homenagem, será dado ao próximo Simpósio da Comissão de Antropologia Visual do XIV Congresso da mesma ICAES:⁹ “Visual Anthropology in a World of Images”.

⁷ Ver Paul Hockings, *Principles of visual anthropology*, The Hague-Paris, Mouton Publishers, 1973, p. 3-10. Uma segunda edição aumentada foi publicada, em 1995, Berlim-Nova York, Mouton de Gruyter.

⁸ “As we approach a planetary communications system, there will inevitably be a diffusion of shared basic assumptions, many of which will be part of the cultural repertoire of members of all societies”, *ibid.*, p. 9.

⁹ ICAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), em Williamsburg (College William and Mary), Virgínia, USA, de 26 de julho a 1º de agosto de 1998.



Uns pensaram, na época, que era necessário *inventar* a chamada "antropologia visual". Sem formação antropológica suficiente, lançaram-se de corpo e alma, com toda a parafernália ótica, na aventura visual antropológica. Seus empreendimentos, sem dúvida generosos, decepcionaram geralmente, ou porque não souberam medir suficientemente a *viabilidade* e a *pertinência* visuais das realizações que vislumbravam, ou porque imaginaram que pudessem fazer a economia da *complexidade* dos fatos antropológicos que procuravam registrar. Apenas conseguiram reforçar, desta maneira, as convicções dos antropólogos *de métier* que, por outras razões, sentiam, no entanto, que as fundações do edifício antropológico clássico começavam a ser abaladas sob o peso de *sistemizações interpretativas verbais* que, cada vez mais, vinham substituindo o efetivo trabalho de *observação* de campo: tinha-se abandonado o próprio homem, este ser de carne e de sangue, concreto, visível.

Outros, deve-se reconhecer, começaram, desde os anos 80, a refletir sobre o que poderia vir a ser uma apreensão visual dos homens, das sociedades e dos fatos de cultura. Experimentaram os suportes imagéticos, procuraram saber o que se poderia esperar das imagens e em que destinos novos poderiam utilizá-las. Serviriam elas para documentar, descrever uma realidade, inventariar situações particularmente complexas ou rememorar? Serviriam elas para instrumentalizar politicamente uma comunidade, para fazer pensar outros segmentos de uma sociedade ou, ainda, resgatar a memória de um grupo humano em vias de desaparecimento? Às exigências metodológicas diversas diante de abordagens tão diferenciadas, acrescen-

tava-se, para os melhores entre eles, a consciência de que, por um lado, deveria-se escolher criteriosamente os assuntos antropológicos passíveis de serem tratados visualmente e, por outro lado, que se tinha que prestar uma atenção redobrada aos imperativos – técnicos, mas sobretudo, heurísticos – contidos nesses suportes imagéticos. A escrita não era mais a única a ser questionada. As visualidades modernas descobriam-se, ao lado dela, possuidoras de um contingente – também – de potencialidades e de limitações.

Não pretendo fazer a síntese crítica dos questionamentos, das metodologias e das perspectivas que os antropólogos e fotógrafos aos quais acabei de me referir souberam nos abrir. Na parte bibliográfica que a eles dediquei (ver *A antropologia visual fotográfica: textos básicos dos últimos 15 anos*), tentei reunir contribuições fundamentais e que deverão, indubitavelmente, me servir de horizonte, numa retomada crítica *dos estatutos heurísticos da imagem fotográfica e da escrita na história da antropologia*. Resta aprofundar ainda mais a temática constitutiva deste primeiro objetivo.

Embora a antropologia e a fotografia, como já disse, tenham nascido conjuntamente, seguindo, durante meio século, trajetórias paralelas, poucos se deram conta da necessidade de se debruçar melhor sobre a natureza dessa eclosão conjunta, quando ambas se davam, no entanto, esta vocação comum: conhecer e aproximar-se dos homens e das sociedades, procurar revelar e entender quem é este "outro", este "diferente", descobrir suas paixões, seus delírios, seus imaginários, suas diferenças. No melhor dos casos, lembrava-se

convulsivamente e *en passant* de *Balinese character* de Gregory Bateson e de Margaret Mead (1942). Foi necessário esperar o ano de 1992, para ver publicado o importante livro organizado por Elizabeth Edwards: *Anthropology & Photography 1860-1920*. Pretendo partir desta obra que oferece cinco ensaios sobre as perspectivas históricas e teóricas de eclosão da fotografia e da antropologia e 20 estudos de casos para delinear as seguintes problemáticas.

1. Se o ato de olhar é constitutivo do ato fotográfico e se, por sua vez, a antropologia reivindica, desde os seus começos, a observação (saber olhar, ouvir, viver "com"...) como premissa e postura prévia a toda compreensão e/ou interpretação subsequente dos atos e fatos de cultura cujo homem social é o epicentro, o que significou concretamente "observar" na história da antropologia nascente? Melhor dizendo, quais foram as modalidades que, nos seus primórdios, esta ciência alocou ao ato da observação e ao registro visual dessas observações? O que se privilegiou neste ato de observação?

Penso dever aqui explorar mais precisamente as tentativas da antropologia física comparativa que, numa perspectiva evolucionista, utilizou as idéias de Darwin (e de outros) e os registros fotográficos, para fazer progredir os trabalhos de descrição e de classificação das raças humanas: fotografias "compósitas" de Francis Galton, fotografias antropométricas (Thomas Henry Huxley e John Lamprey). Explorar essas tentativas, todavia, no quadro mais amplo de uma tipologização, também, das doenças mentais e nervosas (H.W. Diamond,

J-M. Charcot, Albert Londe), ou de uma identificação das personalidades (criminosas, assassinas, loucas) – antropologia criminal de Cesare Lombroso e, mais tarde, de Alphonse Bertillon –, a partir e em função de uma "estranha similitude de traços externos (fotografados e relacionados).

De maneira complementar, mas não sem curiosidade, pretendo:

- fazer um levantamento e uma exegese dos artigos referentes aos usos da fotografia na antropologia, publicados, na França, entre 1850 e 1860, no jornal semanal *La Lumière*. Este monumento do arquivo fotográfico acaba de ser reimpresso (1995) em dois volumes.

- descobrir, paralelamente a essas perspectivas e expectativas – geralmente entusiasmadas – de uso da fotografia na antropologia, o que representaram na Europa, a partir de 1850, as exposições no Hipódromo de Paris de crianças astecas (1854) ou, no Jardim Zoológico de Aclimação, de índios fueguinos (1881), antes das exibições etnográficas "organizadas" na Alemanha desde 1874. Exibições que "tomam vulto na virada dos anos 1890, para se transformarem em verdadeiros espetáculos da 'vida primitiva', cuja forma acabada aparece em 1907, com a implantação do novo zoológico de Hamburgo".¹⁰ O que procuravam ainda esses "cientistas" (e, entre eles, antropólogos) através de tais encenações ao vivo?

- analisar os termos de *Notes and Queries on Anthropology. For the use of travellers and residents in uncivilized lands*, guia publicado pelo Royal Anthropological Institute (RAI) de

¹⁰ Philippe Revol, *Cap Horn. Rencontre avec les indiens Yahgan*, Paris, Ed. de la Martinière, 1995, p. 27.



Londres, em 1874 (1ª edição) e que tinha como finalidade “permitir aos que não são antropólogos fornecer as informações necessárias ao estudo da antropologia no país”. Que tipo de observações preconizava este manual? O que este guia sugeria, mais especificamente, em termos de registros fotográficos e de perspectivas antropológicas?

Com relação a este primeiro item, remeto à parte bibliográfica consignada sob o título “Usos da fotografia na antropologia no período de 1850 a 1920”.

2. O que foi esta primeira antropologia visual? Uma história de indícios, de traços, de rastros, de pistas. Uma busca de provas, de evidências e de aparências. Uma aproximação, em todo caso, do *corpo visível* do homem, de seus signos, de suas marcas, de diferenças cravadas na sua pele ou sobre sua pele, capazes de serem registradas através de uma outra pele: a película.

Sabe-se que, no decorrer da segunda metade do século XIX, se constituía – ao lado desta antropologia física – uma *antropologia cultural* que, progressivamente e no decorrer do século XX, *iria afastar-se da produção de registros visuais*, acabando, sumariamente, por reduzi-los a meras ilustrações. Este fato levanta uma outra série de perguntas.

Será que o progressivo desuso de imagens na antropologia social não deveria encontrar sua explicação:

- no fato de que, pouco a pouco, seu próprio objeto deslocou-se e se enriqueceu,

passando do registro comparativo entre as raças humanas para um esforço de compreensão muito mais amplo das diferenças culturais existentes entre as sociedades humanas?

- no fato de que, para dar conta e explorar este novo objeto (portador de dados visíveis, é verdade, mas de tantos outros que não eram), o suporte imagético era por demais loquaz, capaz de mostrar, de sugerir, de provocar questionamentos e, no entanto, incapaz de explicar?

- no fato de que, efetivamente, a escrita oferecia outras possibilidades logi(stí)cas para apresentar, fazer entender, integrar, colocar em relações, fatos da observação?

Reconhecido isto, haveria, no entanto, de ir mais adiante, propondo essas outras interrogações:

- como se faz que a antropologia, sem nunca renegar as necessidades de uma observação direta, fará desta, e cada vez mais, um prelúdio, uma muleta, reservando ao processo de *textualização* dos fenômenos socioculturais observados, ao processo de *inscrição* e de *conversão* dos dados observados no discurso *interpretativo da própria disciplina*, o lugar sublime do pensar antropológico?

- como se deu o fato de que a fotografia, desta vez, ao passar do funcionalismo de Bronislaw Malinowski ao conceito de “estrutura”, noção já abstrata nas obras de E. E. Evans-Pritchard e que perderá toda visibilidade direta nos trabalhos estruturalistas de Claude Lévi-Strauss, regrediu drasticamente no campo

específico da antropologia social, reduzida que foi, até há pouco tempo, para servir apenas de bloco de diversões exóticas oferecidas ao leitor?

- Quais seriam, desta maneira, no campo da antropologia, as virtudes da escrita que a visualidade fotográfica não teria? Mas, também, quais seriam, no mesmo campo da antropologia, as potencialidades da fotografia, singulares com relação à escrita, mas que ela não soube ainda alcançar ou desenvolver suficientemente? O que viria a definir e a esclarecer sua necessária complementaridade?

Com relação a este segundo item, pretendo construir uma reflexão crítica a partir dos textos mencionados sob a rubrica "*Ver-observar*" e "*interpretar-explicar*" no discurso antropológico. A questão das "representações".

Tratar-se-á de refletir sobre duas questões que me parecem centrais neste debate. A primeira (A) remete diretamente à antropologia tal como a conhecemos, a saber, esta ciência que, partindo da observação, pretende, ao mesmo tempo, dar uma significação às culturas que observa. A segunda (B) diz respeito, desta vez, a uma reavaliação do potencial do suporte fotográfico no campo das ciências humanas.

(A) Quer utilize a escrita ou a fotografia, a antropologia é e será sempre uma representação de representações socioculturais preexistentes. Mas, na medida em que, partindo de uma observação, ela se dá, também, como missão querer nos oferecer uma explicação, este suplemento de significação, então, é e

será sempre uma interpretação da representação dessas representações preexistentes. Devemos, desta maneira, nos interrogar muito seriamente sobre este trabalho laboratorial existente desde a observação até a interpretação, sobretudo quando sabemos que este percurso pode ser mediatizado por suportes comunicacionais tão diferentes – em termos expressivos e, conseqüentemente, significativos – como a escrita e a fotografia. A antropologia "clássica" não fez (ou nunca quis fazer) essa radiografia necessária. Paga caro, hoje, por sua falsa inocência. Uma antropologia visual séria não escapará de tal exigência heurística. Deverá, também, deixar patentes suas credenciais.

(B) Diante da fotografia, conseguimos desenvolver, no decorrer de 170 anos, uma cultura do "realismo", da "objetividade" e da "verdade" de "nossos" produtos. Sabemos, hoje, que a fotografia pode mentir, que ela mente e que os artistas (isto é, os criadores), enfim, se sentem felizes de poder explorá-la melhor. Assim, pergunto-me: quando será que os antropólogos assumirão integralmente a fotografia como uma descrição interpretativa não apenas daquilo que é possível de ser registrado das representações comportamentais, mas também daquilo que é mais difícil de ser traduzido: as representações mentais de um grupo social e, isto, pela mediação de instrumentos de processamento informatizados da imagem? Não se pediria, assim, que apenas a fotografia nos "informasse", mas que nos oferecesse, através de seu suporte particularmente maleável e manipulável, possibilidades novas de expressar e de interpretar os fatos da cultura. Deveríamos, evidentemente, oferecer



ao observador as regras é a gramática dessa manipulação imagética, propedêutica de uma antropologia visual com novos contornos cognitivos.

(Segundo objetivo)

Na perspectiva de uma redescoberta da antropologia visual fotográfica, pareceu-me importante não limitar esta pesquisa a uma redescoberta de *sua história e de suas dimensões epistemológicas*. Aliás, é precisamente por causa da importância que dou a essas *escavações heurísticas*, que se tornou quase que imperativo apresentar e *avaliar*, paralelamente, tentativas que foram feitas ou que estão sendo realizadas em torno de propostas metodológicas de *uso conjunto da escrita e da imagem fotográfica*, aplicadas a campos específicos da pesquisa antropológica.

Essas tentativas são numerosas e remeto à bibliografia listada sob o título genérico de *A antropologia visual fotográfica: textos básicos dos últimos 15 anos*. Escolhi debruçar-me sobre duas delas: a primeira, desenvolvida por Gregory Bateson e Margaret Mead no seu *Balinese character. A photographic analysis* (1942), uma obra muitas vezes citada como sendo um marco da antropologia visual e, no entanto, insuficientemente explorada, descrita e discutida até hoje;¹¹ a segunda, conduzida recentemente por um jovem sociólogo belga, Albert Piette, e apresentada nos seus dois livros: *Le mode mineur de la réalité. Paradoxes et photographies en anthropologie* (1992) e *Ethnographie de l'action. L'observation des détails* (1996).

Duas propostas que 50 anos separam mas que têm um sabor comum: o de tentar trabalhar *com fineza a relação* do visual (fotográfico) e do verbal na apresentação e compreensão das expressões do *ethos* na sociedade balinense, no primeiro caso; das expressões do *modo menor* da realidade, presentes nos *detalhes* da vida social, no segundo caso.

Duas propostas que, no que diz respeito ao objeto em estudo, focalizam, ambas, os gestos, os comportamentos, as posturas, as atitudes, as condutas humanas, embora procurando, através do registro fotográfico, algo bastante diferenciado.

Na perspectiva aberta por Marcel Mauss no seu primoroso trabalho sobre os usos sociais do corpo,¹² Bateson e Mead procuraram, na época, registrar e "pôr em relevo as relações difíceis de serem captadas entre diversos tipos de condutas culturalmente estandardizadas", como, por exemplo, as posturas relacionais entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs ou, ainda, as condutas culturalmente definidas (o sentido do respeito, da elevação e da hierarquia), manifestas nos comportamentos corriqueiros dos habitantes de Bali. Através do registro fotográfico (e filmico), eles buscaram, desta maneira, desvendar o "sistema culturalmente normalizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos", o *ethos* da cultura balinense, o seu carácter, o seu estilo, esse algo que faz que um balinense não se conduza e não se defina da mesma maneira que um brasileiro, e vice-versa.

Os propósitos de Albert Piette vão em outras direções. Ele quer se distanciar do modelo,

¹¹ Uma exceção de peso: o primeiro número da revista *Yearbook of Visual Anthropology*, inteiramente dedicado à obra de Bateson e de Mead, com o título: "1942-1992: Fifty years after 'Balinese character' (Editor: Paolo Chiozzi), v.1, 1993.

¹² Marcel Mauss, "Les techniques du corps" (1936), in *Sociologie et anthropologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1960, p. 363-386. Existe uma versão em língua portuguesa.

¹³ Albert Piette, *Ethnographie de l'action. L'observation des détails*, Paris, Métailié, 1996, p. 18.

muitas vezes generalizante e teorizador, de uma observação tradicional da cultura, feita pelos etnógrafos, quando, efetivamente, muitos dos detalhes ainda presentes nos cadernos de campo desaparecem, progressivamente, na montagem laboratorial de um texto-produto final. Piette propõe ao olhar etnográfico um ponto de vista novo sobre a realidade: a observação de coisas que, no tecido das interações sociais, são, aparentemente, sem importância. Sua hipótese de trabalho é a de “dar um estatuto analítico aos detalhes que não têm importância, aos detalhes que, mesmo não sendo típicos de uma cultura (o que Bateson e Mead, ao contrário, tentavam registrar), nem mesmo pertinentes numa dada interação social, não são, de forma alguma, detalhes impertinentes”.¹³ Na linha aberta por Roland Barthes, Piette se interessa menos, desta maneira, pelo *studium* (que remete a uma “informação”, a um “interesse geral”) do que pelo *punctum* (o “detalhe” precisamente, o “suplemento” de sentido), “índices” sempre portadores de vida e, conseqüentemente, de humanidade e de significação social.

Os campos de exploração do modo menor da realidade, escolhidos por Piette, são geralmente festas, manifestações públicas, cerimônias oficiais (inaugurações, desfiles, cortejos...), isto é, situações de interação social, normatizadas, ordenadas, obedecendo a regras de protocolo, de cerimonial, de etiqueta. São esses ambientes que percorrem Piette e sua câmara fotográfica em busca deste *modo menor da realidade*, à procura deste algo que se interpõe de maneira sutil entre a estrita conformidade e o que seria uma total ruptura do indivíduo com as normas sociais. Mediações do

comportamento social que transitam entre a regra e a não-regra, o *modo menor* são as identificações laterais, uma certa zombaria (*dérision*), uma certa indeterminação entre “pegar” e “largar”. Atenção distraída, atitudes insignificantes, convivência com situações *a priori* incompatíveis mas sempre carregadas de significação. Este campo carece de um quadro teórico e de uma metodologia adequada e é neste sentido que as obras de Piette se desenvolvem. Nelas, a noção de paradoxo é apresentada como o fundamento de uma problemática teórica e conceitual, e a imagem fotográfica como o suporte metodológico apropriado à observação e à análise, já que se ajusta bem ao registro do efêmero. O *modo menor da realidade* constitui-se, desta maneira, em um amplo campo de observação etnográfica, deixado de lado nos estudos tradicionais.

Até onde poderemos aproximar o trabalho de Bateson e de Mead das proposições metodológicas de Piette? Não posso responder ainda plenamente. Tenho, todavia, a certeza de que, embora trabalhem com assuntos diferentes, reflitam, conjuntamente, numa sintonia metodológica, dentro da qual visualidade e escrita, ao se reencontrarem, poderão abrir novos horizontes à observação e à descrição dos fatos culturais.

Entre os questionamentos que poderão ser levantados com relação a essas obras, gostaria a título indicativo apresentar os seguintes.

Se confrontarmos algumas pranchas de *Balinese character* com as do *Mode mineur de la réalité*, observaremos logo uma seme-

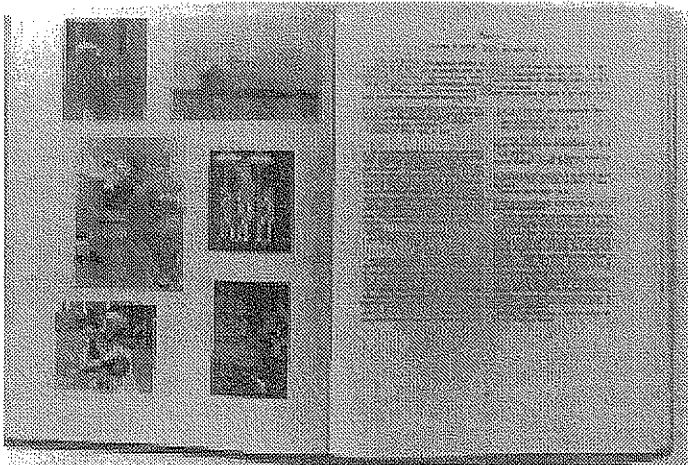
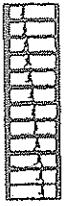


Ilustração 1: Bateson, Gregory e Mead, Margaret, *Balinese character*, p. 74-75 ("Elevação e Respeito").

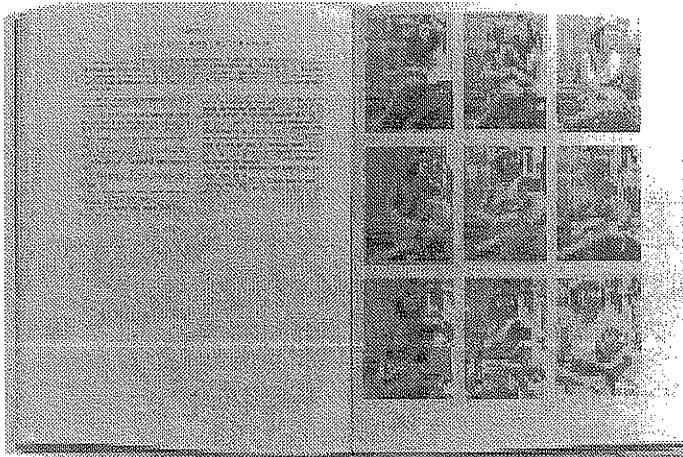


Ilustração 2: Bateson, Gregory e Mead, Margaret, *Balinese character*, p. 149-150 ("Estimulação e Frustração").

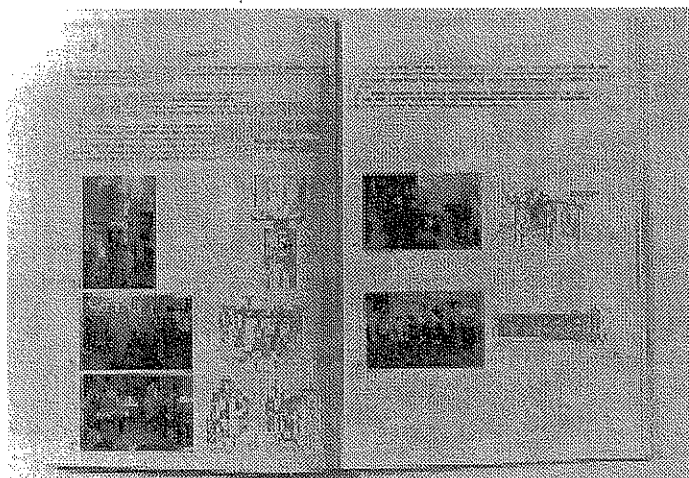


Ilustração 3: Piette, A. *Le mode mineur de la réalité*, p. 50-51.

lança em termos de formato: em ambos os casos, uma série de fotografias acompanha um comentário escrito, no espaço de um único plano visual: a página ou a dupla página. Essas pranchas têm, sempre, um título genérico, seguido de um comentário preciso das fotografias apresentadas numa seqüência de leitura e numeradas.

Este comentário apresenta, todavia, diferenças singulares.

Em *Balinese character*, o comentário é sempre duplo: na parte superior da prancha, Bateson e Mead problematizam a questão genérica (o assunto teórico) que as fotografias convidam a desvendar e/ou a revelar. Seguem, então, os comentários precisos de cada fotografia ou grupo de fotografias.

Piette, ao contrário, oferece um comentário descritivo, geralmente único, obedecendo a toda uma estratégia metodológica que intenciona operacionalizar as relações existentes entre as fotografias e o texto, em torno daquilo que chama de "modalização" (conceito inspirado em Erving Goffman e no trabalho de teoria literária de Pierre Hamont).

Resta que, em ambos os casos, é difícil afastar o sentimento de que, embora olhemos primeiro para as imagens (ou esquemas), é do texto

(a legenda) que precisamos para entrar na compreensão das fotografias. Mais ainda: o comentário descritivo, apesar dos cuidados dos autores, permanece claramente um indutor de sentidos e de significações. Qual seria, então, o poder do descritivo verbal com relação ao descritivo imagético? O que viria a ser esta diferença entre “representação fotográfica” e “representação verbal” em termos de capacidade de “indicar” ou de “convencer”, de “manipular” ou, simplesmente, de “não poder expressar”? A que se devem tais singularidades? Mas, também, será que a fotografia (sem dever opô-la à escrita) não teria outras potencialidades enunciativas (quais?) que faltam à verbalidade e que devemos redescobrir e melhor definir, metodológica e heurísticamente falando?

Outras interrogações decorrem, desta vez, da análise do tipo/modelo/composição de *imagens* ou blocos de imagens que esses autores – Bateson/Mead e Piette – apresentam.

Bateson e Mead recorreram pelo menos a dois modelos de agrupamento das fotografias. Em certas pranchas (foto 2), predomina a simples seqüência (de fotografias tiradas seguidamente em torno de uma mesma pessoa ou grupo de pessoas); em outras, aglutinam-se em torno de um mesmo propósito temático (por exemplo, a questão do “equilíbrio” (foto 1), expressão do *ethos* na sociedade balinense), fotografias pertencendo a contextos e momentos diferenciados.

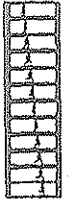
Piette, por sua vez, além dos modelos acima referidos, acompanha suas fotografias de desenhos (silhuetas obtidas a partir de decal-

ques postos sobre as fotografias) que lhe permitirão outras análises descritivas precisas em torno desta *mouvance* comportamental constitutiva do *modo menor* da realidade (foto 3).

São, é verdade, apenas questionamentos preliminares. O que me interessará explorar no futuro é tanto a necessidade de procurar medir o potencial heurístico e metodológico dessas propostas nas quais fotografia e escrita se revezam, como a de tentar entender o que esses dois modelos/moldes de representação do real têm de específico.

Para tanto, delineei uma primeira bibliografia que apresento sob o rótulo “Dois modelos metodológicos: Gregory Bateson/Margaret Mead (1942) e Albert Piette (1992 e 1996)”.

A antropologia visual representa um desafio que a primeira década do próximo século terá resolvido. Penso, neste momento, em Gregory Bateson e na sua *Introdução* ao seu livro *Steps to an ecology of mind*, onde escrevia: “Não sou daqueles que mergulham no trabalho sem esperar nenhuma confirmação, sucesso ou aprovação vinda de fora: sempre precisei saber que os outros acreditavam no meu trabalho, no sentido dele e no seu futuro. Mas, por outro lado, fiquei muitas vezes impressionado pela confiança que as pessoas me manifestavam, quando eu mesmo tinha tão pouca. Às vezes, tentava me livrar da responsabilidade que essa confiança total fazia pesar sobre mim. E dizia a mim mesmo: ‘Finalmente, não sabem nada do que eu faço. Como poderiam eles saber o que eu mesmo ignoro?’”



Bateson morreu, num meio-dia, em 4 de julho de 1980. Esse homem gigante, pesquisador visionário, cético e, conseqüentemente, lúcido observador das coisas deste mundo, não deixa de me impressionar hoje.

Referências bibliográficas

Usos da fotografia na antropologia no período de 1850 a 1920

- BEAUGE, Gilbert. (1995), "De L'apparence des caractères au caractère des apparences photographie et anthropologie: 1839-1912". *Le Monde Alpin et Rhodanien* ("Photographie, ethnographie, histoire"), nº 2-4, p. 81-144.
- EDWARDS, Elizabeth (ed.). (1992), *Anthropology and photography 1860-1920*. New Haven: Yale University Press em associação com o Royal Anthropological Institute.
- FAVROD, G.H. (1989), "Introduction", *Étranges Étrangers. Photographie et exotisme, 1850-1910*. Paris: Centre National de la Photographie (Col. "Photopoche", 39).
- FOUCAULT, Michel. (1966), *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
- GERANDO, M de. (1978), "Considérations sur les diverses méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages", in: Copans, J. e Jamin, J. (eds.). *Aux origines de l'anthropologie française*. Paris: Le Sycomore, p. 127-169 (1800).
- GOIN, Chelsea Miller. (1997), "Malinowski's ethnographic photography. Image, text and authority". *History of Photography*, v. 21, nº 1, p. 67-72.
- JAGER, Jens. (1995), "Discourses on photography in Mid-Victorian Britain". *History of Photography*, v. 19, nº 4, p. 316-321.
- JORDAN, Pierre. (1992), *Premier contact, premier regard*. Musée de Marseille: Images en Manluvres Editions.
- La Lumière. Beaux-Arts – Héliographie – Sciences* (anos 1851-1860), reimpressão de 1995 e

Na época, lutando contra um câncer do pulmão esquerdo, reunia páginas de notas noturnas para um último trabalho que queria ainda publicar: *Lá, aonde os anjos nem ousam se arriscar*.¹⁴

apresentação de Gilbert Beaugé. Paris: Jeanne Laffitte.

- PINNEY, Christopher. (1992), "The parallel histories of anthropology and photography", in: Edwards E. *Anthropology and photography 1860-1920*, p.74-91. Tradução em português, in: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 2. Rio de Janeiro: Núcleo de Antropologia e Imagem/UERJ, 1996, p. 29-51.
- POIGNANT, Roslyn. (1992), "Surveying the field of view: The making of the RAI Photographic Collection", in: Edwards, E. *Anthropology and photography 1860-1920*, p. 42-73.
- SAMAIN, Etienne. (1995), " 'Ver' e 'dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia". *Horizontes Antropológicos*, nº 2. Porto Alegre: UFRGS, p. 19-48; republicado, no mesmo ano, sob o título "Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica", in: *Pluralismo, espaço social e pesquisa* (orgs.: Elisa Reis, Maria Hermínia T. de Almeida e Peter Fry). São Paulo: Anpocs-Hucitec, 1995, p. 291-324.
- SCHERER, J-C. (1992), "The photographic document: photographs as primary data in anthropological enquiry", in: Edwards, E. *Anthropology and photography 1860-1920*, p. 32-41.
- SCHULTE-TENCKHOFF, Isabelle. (1985), *La vue portée au loin: une histoire de la pensée ethnologique*. Lausanne.
- SICARD, Monique. (1991), "Entre science et lumière". *Images d'un autre monde. La photographie scientifique*. Paris: Centre National de la Photographie (Col. "Photopoche", 47).
- STEIGER, Ricabeth e TAUREG, Martin. (1987), "Sleeping beauties: on the use of ethnographic photographs (1880-1920)",

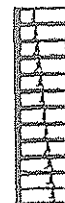
¹⁴ Póstumo, o livro foi completado por Mary Catherine Bateson com base nas respostas às questões que formulava a seu pai incessantemente, antes dele morrer. O livro foi publicado em 1987. Testamento de um agnóstico particularmente generoso, lúcido e humano, o livro recebeu o título final: *O medo dos anjos. Para uma epistemologia do sagrado* (Angels fear. Towards an epistemology of the sacred, New York, Macmillan Publishing Company; *La peur des anges. Vers une épistémologie du sacré*, Paris, Éditions du Seuil, 1989).

- in: Taureg, Martin e Ruby, Jay (eds.). *Visual Explorations of The World*. Aachen: Edition Herodot im Rader-Verlag, p. 315-341.
- WRIGHT, Terence. (1991), "The field photographs of Jeness and Malinowski and the beginnings of modern anthropology". *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, v. 22, 1, p. 41-58.
- A antropologia visual fotográfica: textos básicos dos últimos 15 anos**
- BALL, Michael S. e SMITH, W.H. (1992), *Analysing visual data*. Newbury Park, London, New Delhi: Sage Publications.
- BANKS, Marcus e MORPHY, Howard (eds.). (1997), *Rethinking visual Anthropology*. New Haven-London: Yale University Press.
- BANTA, Melissa e HINSLEY, Curtis M. (1986), *From site to sight. Anthropology, photography and the power of imagery*. Cambridge: Peabody Museum Press.
- BASTIDE, F. (1985), "Iconographie des textes scientifiques". *Culture Technique*, nº 14, jun. p. 133-155.
- BECKER, Howard S. (ed.). (1981), *Exploring society photographically*. Evanston: Mary and Leight Block Gallery.
- BERGER, John. (1981), "Apparences", in: Berger, John e Mohr, Jean. *Une autre façon de raconter*. Paris: Maspéro, p. 81-129.
- BRIAND, J.P. e CHAPOULIE, J-M. (1991), "The uses of observation in french sociology". *Symbolic Interaction*, v. 14, nº 4, p. 449-469.
- BYERS, P. (1964), "Still photography in the systematic recording and analysis of behavioural data". *Human Organization*, XXIII, nº 1, p. 78-84.
- CALDAROLA, Victor J. (1985), "Visual contexts. A photographic research method in anthropology". *Studies in Visual Communication*, v. 11, nº 3, p. 33-53.
- . (1987), "The generation of primary photographic data in ethnographic fieldwork: Context and the problem of objectivity", in: Taureg, Martin e Ruby, Jay (eds.). *Visual Explorations of The World*. Aachen: Edition Herodot im Rader-Verlag, p. 217-228.
- CANEVACCI, M. (1990), *Antropologia della comunicazione visuale*. Roma: Sapere. 2ª ed., 1995. Genova: Costa & Nolan.
- CHALFEN, Richard. (1987), *Snapshot. Versions of life*. Ohio: Bowling Green State University Popular Press.
- CHAPLIN, Elizabeth. (1994), *Sociology and visual representation*. London: Routledge.
- CHAPOULIE, J-M. (1984), "Everet C. Hughes et le développement du travail de terrain en sociologie". *Revue Française de Sociologie*, XXV, p. 582-608.
- COLLIER, John. (1967), *Visual anthropology. Photography as a research method*. New York: Holt, Rinehart and Winston. Nova versão ampliada: Collier, John e Collier, Malcom. (1986), *Visual anthropology. Photography as a research method*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- . (1979), "Visual anthropology", in: *Images of information. Still photography in the social science* (ed. Jon Wagner). Beverly Hills/London: Sage Publications, p. 271-281.
- . (1987), "Visual anthropology's contribution to the field of anthropology". *Visual Anthropology*, v. 1, p. 37-46.
- COLLEYN, Jean-Paul. (1988), "La complémentarité de l'écrit et de l'audiovisuel", in: *Les Chemins de Nya. Culte et possession au Mali*. Paris: Éditions Sociales, p. 17-31.
- CURRY, Timothy J. e CLARKE, Alfred C. (1977), *Introducing visual sociology*. Dubuque, Iowa: Kendall/Hunt Publishing Co.
- DESBOIS, E. (1982), "Pour un traitement anthropologique de l'image", in: Koechlin, B. Lajoux, J. D. e Terrenoire, J. P. (eds.). *Anthropologie de la gestuelle. Anthropologie de l'image. Geste et Image*, número especial, p. 121-128.
- FYFE, Gordon e LAW, John (eds.). (1988), *Picturing power. Visual depiction and social relations*. London-New York: Routledge (*Sociological Review Monograph*, 35).
- HENNY, Leonard M. (ed.), "Theory and practice



- of visual sociology". *Current Sociology*, número especial, 3, v. 34.
- JABLONKO, Allison e KAGAN, Elizabeth. (1988), "An experiment in looking. Re-examining the process of observation". *The Drama Review*, v. 32, nº 4, p. 148-163.
- JENKS, Chris (ed.). (1995), *Visual culture*. New York: Routledge.
- MARESCA, Sylvain. (1995), "Refletir as ciências sociais no espelho da fotografia", in: *Pluralismo, espaço social e pesquisa*. Reis, E., Tavares de Almeida, M.H. e Fry, P. (orgs.). São Paulo: Hucitec-Anpocs.
- . (1996), *La photographie. Un miroir des sciences sociales*. Paris: L'Harmattan.
- PSATHAS, George. (1979), "Review of introducing visual sociology". *Studies in Visual Communication*, v. 5, nº 1, p. 70-72.
- SNYDER, Robert E. (1995), "John Collier, Jr: Visual anthropologist". *History of Photography*, v. 19, nº 1, p. 32-45.
- STASZ, Clarice. (1979), "The early history of visual sociology", in: *images of information. still photography in the social science* (ed. Jon Wagner). Bervely Hills/London: Sage Publications, p. 119-136.
- TAUREG, Martin e RUBY, Jay (eds.). (1987), *Visual explorations of the world*. Aachen: Edition Herodot im Rader-Verlag.
- TERRENOIRE, Jean-Paul. (1985), "Images et sciences sociales: l'objet et l'outil". *Revue Française de Sociologie*, XXVI, p. 509-527.
- TORNAY, Serge. (1991), "Photographie et traitement d'autrui: réflexions d'un ethnographe". *L'Ethnographie*, nº 109 (primavera), p. 97-118.
- WAGNER, Jon (ed.). (1979), *Images of information. Still photography in the social sciences*. Bervely Hills/London: Sage Publications.
- WINKIN, Yves. (1996), *Anthropologie de la communication. De la théorie au terrain*. Bruxelles: De Boeck Université.
- WORTH, S. (1981), *Studying visual communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- "Ver-observar" e "interpretar-explicar" no discurso antropológico. A questão das "representações"
- ADAM, Jean-Michel et alii. (1990), *Le discours anthropologique. Description, narration, savoir*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- AFFERGAN, Francis. (1997), *La pluralité des mondes. Vers une autre anthropologie*. Paris: Albin Michel.
- BANKS, Marcus e MORPHY, Howard (org.). (1997), *Rethinking visual anthropology*. New Haven-London: Yale University Press.
- BESANÇON, Alain. (1994), *L'image interdite. Une histoire intellectuelle de l'iconoclasme*. Paris: Fayard. Tradução em português: *A imagem proibida*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1998.
- BOON, J. A. (1982), *Other tribes. Other scribes*. Cambridge: University Press.
- BOREL, M. J. (1989), "Textes et constructions des objets de connaissance", in: Reichler, C. (ed.). *L'interprétation des textes*. Paris: Editions de Minuit, p. 115-156.
- . "Le discours descriptif, le savoir et ses signes", in: Adam, Jean-Michel et alii, p. 21-69.
- BOUDON, R. (1989), "Why do social scientists tend to see the world as over-overed?". *Philosophica*, v. 44 (2), p. 15-31.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (1993), "Antropólogos sob a lupa, ou como falar das tribos quando as tribos são eles mesmos?". *Ciência Hoje*, v. 15, nº 93, p. 27-32.
- CLIFFORD, James. (1983), "De l'autorité en ethnographie". *L'Ethnographie*, LXXIX, 90-91, p. 87-118.
- . (1996), *Malaise dans la culture. L'Ethnographie, la littérature et l'art au XX^e siècle*. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-Arts (or. inglês: 1988).
- CLIFFORD, James e MARCUS, George. (1986), *Writing culture. The poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- DESCOLA, Philippe. (1988), "L'explication causale", in: Descola Philippe et alii, *Les idées de l'anthropologie*. Paris: Armand Colin, p. 11-59.

- GEERTZ, Clifford. (1986), *Savoir local, savoir global. Les lieux du savoir*. Paris: Presses Universitaires de France (or. inglês: 1984).
- . (1988), *Works and lives. The anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press.
- GINSBURG, C. (1980), "Signes, traces et pistes". *Le Débat*, nº 6, p. 2-44.
- HERAN, François. (1987), "La seconde nature de l'habitus. Tradition philosophique et sens commun dans le langage sociologique". *Revue Française de Sociologie*, XXVIII, p. 385-416.
- KARNOUOH. C. (1981), "L'observation ethnographique ou les vertus du paradoxe". *Communication and Cognition*, XIV, nº 1, p. 39-55.
- KILANI, M. (1994), "Du terrain au texte". *Communications*, nº 58, p. 45-60.
- KUPER, A. (1980), "The man in the study and the man in the field. Ethnography, theory and comparison in social anthropology". *Archives Européennes de Sociologie*, XXI, p. 14-39.
- LATOUR, B. (1985), "Les 'vues' de l'esprit". *Culture Technique*, nº 14, jun., p. 6-29.
- LECLERC, G. (1979), *L'observation de l'homme*. Paris: Editions du Seuil.
- MARCUS, George E. e CUSHMAN, Dick. (1982), "Ethnographies as texts". *Annual Review of Anthropology*, v. 11, p. 25-69.
- MARCUS, George E. (1990), "The modernist sensibility in recent ethnographic writing and the cinematic metaphor of montage". *SVA Review*, nº 6.
- MARCUS, G. e FISHER, M. (1986), *Anthropology as cultural critique*. Chicago: The University of Chicago and London.
- MOLES, A. (1990), *Les sciences de l'imprécis*. Paris: Les Editions du Seuil.
- MYERHOFF, Barbara e RUBY, Jay. (1982), "Introduction", in: *A crack in the mirror. Reflexive perspectives in anthropology*. Ruby, Jay (ed.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 1-35.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1996), "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". *Revista de Antropologia*, v. 39, nº 1, p.13-37.
- ROSALDO, R., (1988), "Rhetoric and the authority of ethnography. Postmodernism and the social reproduction of texts". *Current Anthropology*, v. 29, nº 3.
- SAUVAGEOT, A. (1994), *Voires et savoirs*. Paris: Presses Universitaires de France.
- SPERBER, D. (1982), *Le savoir des anthropologues*. Paris: Editions du Seuil.
- . (1996), *La contagion des idées*. Paris: Editions Odile Jacob.
- TOFFIN, G. (1989), "Ecriture romanesque et écriture de l'ethnologie". *L'Homme*, 111-112, jul./dez., XXVI, p. 509-527.
- ZONABEND, F. (1985), "Du texte au prétexte". *Études Rurales*, 97-98, jan./jun., p. 33-38.
- Dois modelos metodológicos: Gregory Bateson/ Margaret Mead (1942) e Albert Piette (1992 e 1996)**
- BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. (1942), *Balinese character. A photographic analysis*. New York: The New York Academy of Sciences.
- BIRRDWHISTELL, Ray. (1980), "Margaret Mead (1901-1978): In Memoriam". *Studies in Visual Communication*, v. 6, nº 1.
- CANEVACCI, Massimo. (1993), "Gregory Bateson and the patterns of representation: Balinese character and body". *Yearbook of Visual Anthropology*, v. 1, p. 85-99.
- CHIOZZI, Paolo. (1993), "Focus on children". *Yearbook of Visual Anthropology*, v. 1, p. 79-83.
- GEERTZ, Hildred. (1994), *Images of power. Balinese paintings made for Gregory Bateson and Margaret Mead*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- o GOFFMAN, Erving. (1974), *Frame analysis. An essay of the organization of experience*. New York: Harper and Row.
- . (1976), "Gender Advertisements". *Studies in the Anthropology of Visual Communication*, v. 3, nº 2, 1976, p. 69-154.



- GORDON, Joan (ed.). (1976), *Margaret Mead. The complete bibliography*. The Hague: Mouton Publishers.
- JABLONKO, Allison e MAREK. (1993), "As we understand it". *Yearbook of Visual Anthropology*, v. 1, p. 39-78.
- JACKNIS, Ira. (1988), "Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: Their use of photography and film". *Cultural Anthropology*, v. 3, nº 4, p. 160-177.
- JENSEN, Gordon e LUTH, Ketut Suryani. (1992), *The balinese people. A reinvestigation of character*. Singapore: Oxford University Press.
- LAKOFF, Anfrew. (1996), "Freezing time: Margaret Mead's diagnostic photography". *Visual Anthropology Review*, v. 12, nº 1, primavera de 1996, p. 1-18.
- LARSON, Heidi. (1993), "Anthropology exposed: photography and anthropology since *balinese character*". *Yearbook of Visual Anthropology*, v. 1, p. 13-26.
- MEAD, Margaret e MACGREGOR, Francis. (1951), *Growth and culture. A photographic study of balinese childhood*. New York: G. P. Putnam's Sons.
- MEAD, Margaret e BYERS, Paul. (1968), *The small conference*. Paris: Mouton.
- MEAD, Margaret. (1975), "Visual anthropology in a discipline of words", in: *Principles of visual anthropology* (ed. Paul Hockings). The Hague: Mouton Publishers, p. 3-10.
- (1977), *Du givre sur les ronças. Autobiographie*. Paris: Seuil (or. inglês: 1972).
- (1980), *Écrits sur le vif. Lettres 1925-1975*. Paris: Denoël/Gonthier (or. inglês: 1977).
- MEAD, Margaret e BATESON, Gregory. (1976), "For God's Sake Margaret". *Co-Evolution Quarterly*, nº 10, jun., p. 32-44.
- MURPHY, Lois Barclay e GARDER. (1943), "Review of *balinese character*". *American Anthropologist*, 45 (4).
- PIETTE, Albert. (1992), "La photographie comme mode de connaissance anthropologique", *Terrains*, 18, mar., p. 129-136.
- (1992), *Le mode mineur de la réalité. Paradoxes et photographies en anthropologie*. Louvain-La-Neuve: Peeters.
- (1996), *Ethnographie de l'action. L'observation des détails*. Paris: Métailié.
- TANIO, Nadine. (1994), "Photographier bali: la vision, la réflexivité et le réel ethnographique". *Xoana. Images et Sciences Sociales*, nº 2.
- WINKIN, Yves. (1981), *La nouvelle communication*. Paris: Éditions du Seuil.
- (1988), *Bateson: Premier état d'un héritage*. Colloque de Cerisy. Paris: Seuil.
- WORTH, Sol. (1980), "Margaret Mead and the shift from 'visual anthropology' to the 'anthropology of visual communication'". *Studies in Visual Communication*, v. 6, nº 1.

Resumo

A antropologia visual não é uma descoberta. É apenas uma *história* e muitos problemas *epistemológicos*, cujos novos direcionamentos temos, hoje, de *reconstituir* e *promover*. Procura-se, neste ensaio, apresentar uma problemática de pesquisa que, além de um questionamento sobre as relações entre verbalidade e visualidade, entende que deve examinar duas notáveis propostas no campo da antropologia visual: a de Gregory Bateson e de Margaret Mead, autores de *Balinese character* (1942) e a de Albert Piette, autor de *O modo menor da realidade* (1992) e de *Etnografia da ação: A observação do detalhe* (1996) (livros não traduzidos ainda em língua portuguesa).

Palavras-chave: história da antropologia visual, observação e interpretação em antropologia, visualidade (fotográfica) e escrita.

Abstract

Visual anthropology is not a *recent discovery*. It is, rather, a history of *anthropological visibility* to be *rescued*, a certain number of *epistemological problems* to be *solved* and, furthermore, the possibility to open *new horizons* towards *the observation and interpretation of human cultures*. In this article (in fact, a research problem) is the relation between writing and visibility, undertaken through, a critical exam of two remarkable proposals in the visual anthropology field: Gregory Bateson's and Margaret Mead's *Balinese character's* authors (1942) and Albert Piette, author of *Le mode mineur de la réalité* (1992) and of *Ethnographie de l'action: L'observation des détails* (1996).

Recebido em novembro de 1997.
Aprovado em dezembro de 1997.